

UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÕES COM CRIANÇAS: UMA CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA SOCIAL COMUNITARIA DIANTE DAS COMUNIDADES

Erika Vanessa Vasconcelos (1); Sarah Idalina Medeiros Braz (1); Cícero Renato Feitosa Duarte Orientador (2)

*UNINASSAU, (Unidade Estação Velha – Campina Grande), nessesavasconcelos50@gmail.com
sarahmedeiros14_@hotmail.com cicerorenatofd@hotmail.com*

Resumo

Este trabalho trata-se de um relato de experiência desenvolvido por alunos do curso de Psicologia da UNINASSAU – Campus Campina Grande/ Paraíba. Que compõe o grupo de estudos, pesquisa e extensão em psicologia social da saúde. Dessa forma, a extensão tem caráter social, tendo utilizado o referencial teórico da psicologia social comunitária, e proporcionado às crianças maior desenvolvimento frente à realidade em que estão inseridas. Em vista disso, a proposta de intervenção pautou-se em promover educação popular valorizando os conhecimentos e aptidões dos membros, contribuindo para que, em cada encontro, fossem desenvolvidas suas potencialidades no âmbito social, através de intervenções em grupos. Desse modo, as atividades foram realizadas no período de um semestre no Clube de Oficiais da Polícia Militar e Bombeiros, localizado no Bairro do Mutirão, na Cidade de Campina Grande – PB. Assim, este trabalho teve como objetivo conscientizar as crianças que frequentam o ambiente sobre questões que norteiam o dia a dia da população, contendo base da psicologia comunitária, promovendo educação popular, embasados nos conhecimentos e nas experiências que os indivíduos carregavam, praticando atividades que explorassem seus conhecimentos e suas habilidades através de dinâmicas e do lúdico, como por exemplo, a criação de fantoches e contação de histórias. Sendo assim, foram realizados cinco encontros, onde foi possível aplicar estratégias de intervenções de forma eficaz e positiva, trazendo benefícios aos desfrutadores do projeto. No final, foi concluído que as intervenções contribuíram de forma construtiva para uma maior interação dos membros, colaborando para o desenvolvimento de trabalhos em equipes, proporcionando estratégias para que o sujeito envolvido tenha posturas críticas diante da sua realidade.

Palavras chaves: Educação popular, psicologia social comunitária, contação de histórias.

Introdução

A psicologia comunitária emerge da psicologia social por volta da década de 60, envolvida com movimentos populares, onde o psicólogo propõe-se a um novo tipo de intervenção. Dessa forma, a psicologia não trabalha apenas com tratamento das psicopatologias, também se desenvolve nas comunidades deixando a população com uma relação mais próxima, na companhia de um profissional. Nesse contexto, surgiram pontos de destaque, sendo alguns deles a criação de centros comunitários de saúde mental e trabalhos de alfabetização da educação popular de Paulo freire. (GONÇALVES; PORTUGAL, 2016).

A psicologia social tem sua contribuição quando ela se distancia da formação universitária com uma perspectiva psicopatológica, sendo considerada um aspecto fundamentada em questões que norteiam o dia a dia das pessoas inseridas nas comunidades, desenvolvendo trabalhos multidisciplinares, combatendo as desigualdades sociais, promovendo promoção e prevenção de saúde por meio dos programas envolvidos, fazendo com que a população tenha voz diante do processo. (SILVEIRA; NARDI, 2008).

Quando o psicólogo se insere na comunidade sendo uma prática de um levantamento das necessidades e carências vividas pelo grupo e constrói suas interações na busca através de instrumentos tais como: entrevistas que muitas vezes são realizadas de maneira coletiva, conversas informais, visitas às casas, registros de acontecimentos e/ou episódios significativos em diários de campo, recuperação da história de constituição da comunidade, resgate de documentos do saber popular, encontros não programados. (FREITAS, 1998).

Diante do contexto apresentado, Paulo Freire teve sua contribuição com a pedagogia do oprimido com uma crítica acerca da educação “bancária” onde a educação é um instrumento a opressão, sendo o educador o que sabe conduzir o saber e assim a memorização do sujeito que por sua vez nada sabe, sendo passivos, apenas repete algo que foi colocado sem criatividade. Dessa forma, o educador é uma figura invariável e o educando permanece sem saber sendo apenas alienado nessa situação. (FREIRE, 2017, p. 36).

Assim, ao perceber essa educação “bancária” o homem ao humanizar-se ele se liberta, dessa forma o sujeito vai de encontro ao saber autêntico, implicando a reflexão do indivíduo sobre o mundo com intuito de transforma-lo. Não se pode pensar em um homem mecânico com

uma consciência especializada, mas em um ser consciente com suas relações com o mundo. (FREIRE, 2017, p. 40).

É indispensável falar em educação popular sem citar as influências e contribuições do educador Paulo Freire. Logo, pode-se afirmar que essa forma de educação veio abrir portas e mostrar a realidade vivenciada por alguns grupos e comunidades, compreendendo a sociedade onde eles vivem e lutando pelo os seus direitos. A atuação em grupos, comunidades indígenas, quilombolas e movimentos sociais veio com o objetivo de desenvolver e trazer à tona assuntos latentes que embarcam a sociedade, buscando estimular a consciência dos indivíduos e os direitos e deveres pelo qual possuem.

A educação popular veio quebrar as regras de uma educação centrada no poder e pertencente a um modelo capitalista de ensino. Portanto, pode-se afirmar que a educação popular é uma forma de desvelar a veracidade do saber da comunidade e valorizar esse conhecimento não valorizado, explorando os seus potenciais, fazendo com que estabeleça um reconhecimento nas habilidades e desenvolvimento dos indivíduos, construindo uma educação onde a sociedade seja o seu principal protagonista. Nesse sentido, a participação da população é de extrema importância durante o processo, salientando que é através da comunidade que é possível garantir e construir uma educação participativa em busca de justiça e dignidade.

Com base nos conhecimentos que Lev Vygotsky nos apresenta, foi possível verificar que sua teoria contempla a ideia de que o indivíduo desenvolve o seu cognitivo através de interações sociais, relacionando-se a ambientes que envolvam outras pessoas e aprendem por meio desse convívio através de experiências trocadas por meio delas, o que se caracteriza como uma experiência social.

De acordo com Papalia e Feldman (2013, p. 66), pode-se entender que os estudos baseados no desenvolvimento da população faz parte de progresso da linguagem e aprendizagem, por esse motivo Lev Vygotsky aponta a ideia que o desenvolvimento e a aprendizagem não ocorrem separadamente, visto que, estão ligadas pelo o fato do desenvolvimento e a aprendizagem do sujeito ocorrer em diversos momentos e locais da sua vida, onde haja interação entre indivíduos, como nas comunidades, equipes de trabalho, escolas, praças e encontros entre amigos. Assim, ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal) que faz parte de sua teoria, seria o deslocamento dos conhecimentos que os sujeitos já adquirem (conhecimentos reais) para os conhecimentos potenciais. Contudo, a aprendizagem ocorre diante dessas situações e o professor está presente para fazer o uso da mediação nessa

circunstância como também de auxiliar nesse momento.

No decorrer das atividades, a equipe de estudantes do curso de psicologia estava presente mediando a situação para que assim os conhecimentos reais fossem impostos e os conhecimentos potenciais de acordo com a teoria Vygotskyana fossem surgindo e sendo trabalhados, adquirindo forças, estrutura e conceitos nos surgimentos das suas potencialidades. Assim, ao analisar o contexto social e as demandas do grupo, a psicologia adentra nesse cenário de vulnerabilidade no intuito de favorecer melhorias de vida.

Enquanto projeto de extensão, o estudante de psicologia necessita conhecer e adentrar as questões sociais onde o sujeito está inserido, para que então possa o compreender na sua totalidade, pois de fato entende-se que o social exerce forte influência nas escolhas dos indivíduos, através do meio é possível identificar como o sujeito se comporta no mundo, sua cultura, seus valores, suas crenças, entre outros aspectos.

À vista disso, o projeto de extensão oferece a oportunidade dos alunos vivenciar e executar práticas na comunidade sendo um aspecto produtivo de grande enriquecimento para os futuros profissionais na área. Dessa forma, é possível contribuir para futuras melhorias na comunidade atrelando conhecimentos adquiridos e assim agregar na prática.

Este relato de experiência tem como objetivo refletir e discutir sobre temas que fazem parte do convívio em sociedade, visando um olhar crítico diante dos fatos e promovendo educação perante as condições de vida que o sujeito está inserido, compreendendo-se que a psicologia está presente nas comunidades.

As atividades que ocorreram no Clube dos Oficiais da Polícia Militar e Bombeiros antes de serem aplicadas eram estudadas e analisadas, buscando desenvolver um maior índice de percepção aos indivíduos e promover uma educação popular no ambiente, de forma que as pessoas que frequentam o local possam sair daquele espaço conscientes de mudanças que podem ser feitas dentro e fora do ambiente escolar.

Procedimentos metodológicos

O presente artigo trata-se de uma experiência interventiva realizada no Bairro Mutirão, no Clube dos Oficiais da Polícia Militar e Bombeiros, localizado na Cidade de Campina Grande – PB. O público alvo são crianças e adolescentes de até os 12 anos, que

residem no bairro e fazem parte do projeto social desenvolvido pelos os militares e suas famílias, na comunidade do Mutirão.

O projeto visa promover educação, retirando as crianças de situações de riscos e vulnerabilidade, promovendo melhores condições de vida para esses indivíduos que participam ativamente desse projeto de ação. Portanto, se caracteriza como um ambiente transformador onde pode-se pensar em outras concepções de melhorias de vida. Foram utilizados métodos baseados nos pressupostos teóricos-metodológicos da Psicologia Social Comunitária, como também, o método de Educação Popular proposta por Paulo Freire.

As práticas duraram um semestre, no ano de 2017, sendo realizados vários encontros durante este período. Contudo, iremos focar apenas em alguns específicos, devido à complexidade dos encontros e a quantidade de páginas conforme as regras que o artigo impõe. As intervenções foram criadas de acordo com a demanda e necessidades dos participantes.

Por conseguinte, essas faltas foram sendo identificadas de acordo com as queixas principais que as crianças relatavam, bem como a questão da vulnerabilidade social onde esses indivíduos estão inseridos, como, por exemplo, a falta de atividades lúdicas, com o intuito de haver maior interação entre os membros, promovendo trabalhos em equipe de forma que todos pudessem colaborar, possibilitando o diálogo entre os participantes, envolvendo questões que norteiam o seu dia a dia para que os mesmos possam refletir e pensar sobre suas ações de maneira mais crítica.

Resultados e discussões

Diante das visitas no local, constatamos que o ambiente possui um espaço proveitoso e amplo onde foi possível utilizar o pátio para as práticas de nossas intervenções. O local possui uma piscina para uso dos militares e seus familiares, a qual as crianças só utilizam quando acontece algum evento, como, por exemplo, o dia das crianças. Porém, os pequenos apresentam dificuldades no acesso à piscina pelo fato da ausência de um profissional da área de educação física no local, mas, futuramente, os militares pretendem fazer propostas para que esses profissionais adentrem no projeto para contribuir com aulas de natação, como também, de exercícios físicos, visto que o lugar também dispõe de uma quadra poliesportiva. A área também conta com banheiros femininos e masculinos, lanchonete, cadeiras de plásticos, brinquedoteca, uma sala de uso da coordenação do clube e estacionamento.

Dessa maneira, com base nas queixas principais e as que foram surgindo ao longo dos encontros, foi pensado e desenvolvido atividades para os garotos levando em consideração e compreendendo suas histórias de vida, as dificuldades enfrentadas na comunidade, com o intuito de promover a educação popular no ambiente, potencializando seus conhecimentos e aprimorando seus saberes em grupo para que ao longo da vida se tornem sujeitos mais críticos e ativos no conviver em coletividade.

No primeiro encontro, foi preparado uma dinâmica de quebra gelo, em que os participantes e a equipe de estudantes do curso de psicologia puderam se apresentar, este vínculo foi surgindo através de diálogos e discursos ilustrativos, onde foi possível identificar nomes, idades, hobby e as crianças também relatavam quais atividades participavam no Clube.

Neste momento, o comportamento dos pequenos em relação a nossa equipe foi de estranhamento, aos poucos através das conversas foram formando os laços e conquistamos a confiança das crianças, até ser estabelecido uma vinculação e eles começaram a se sentir mais à vontade. Dessa forma, percebemos que ao longo das intervenções foram surgindo maiores participações, no decorrer dos encontros, nos reunimos em círculo e cada membro pode pronunciar e relatar suas vivências, contribuindo para um ambiente harmonioso e de descontração onde foi possível conhecer um pouco da história de cada membro, trocando experiências.

Essa técnica foi utilizada, visto que, para elaborarmos um plano de intervenções, deveríamos colher os dados dos participantes para identificar a real demanda do público-alvo. Durante as conversas, tentamos interagir de forma clara, lúdica e objetiva para que eles pudessem compreender o que estava acontecendo, em seguida, os pequenos foram compreendendo qual era a nossa ideia e o papel deles durante o processo, participaram de maneira ativa com falas como, por exemplo: - “Meu nome é Maria, tenho 10 anos, moro com meus pais e dois irmãos no bairro Mutirão e participo do projeto desde ano passado e nos sábados acordo cedo para participar das aulas de música e faço parte do projeto de leitura. Gosto de ler, brincar e assistir desenhos”.

Dessa forma, com as falas de todas as crianças, iniciamos o projeto de intervenção no encontro seguinte, sempre procurando chegar mais próximo da realidade e do convívio onde essas pessoas estavam inseridas.

Em seguida, no segundo encontro, foi trabalhado Contação de história onde o objetivo era debater sobre o tema explorado, discutindo questões sociais com a finalidade de despertar

o interesse pelos livros. Diante disso, nos reunimos em círculo iniciando uma roda de leitura, sentamos no chão e o livro ia sendo passado pelos integrantes, onde cada um fazia a leitura de um parágrafo, no final, foi possível realizar um debate, onde os estudantes de psicologia facilitavam e mediavam o processo, com o intuito de desenvolver e promover maior interação entre os membros, sendo discutido aspectos que o texto apresentava. Percebemos uma evolução na forma com que as crianças relatavam o que tinham achado da leitura, havendo um aumento da participação e interação entre os indivíduos na atividade.

Nosso objetivo durante o encontro era trabalhar as diferenças que existem na sociedade em que vivemos, mostrando a necessidade de se respeitar os direitos das outras pessoas para que, assim, os nossos também possam ser respeitados. Discutimos também que nem sempre vamos concordar com o outro, mas devemos respeitar e ouvir as demais opiniões. Através desse discurso, foi possível compreender o significado da palavra empatia, e o que é ser uma pessoa empática nos dias de hoje, não é sempre agir da maneira que denominamos correta e magoar as pessoas que estão ao nosso lado, mas ter atitudes que não cheguem a ferir e denegrir o direito do outro, compreendendo sua realidade e seus valores.

Em vista disso, o contato com essa realidade nos fez perceber e lutar enquanto estudantes e futuros profissionais de psicologia por um futuro mais justo e igualitário, houve dificuldades no andamento dos encontros, como por exemplo, o bairro não ser de fácil acesso, os encontros eram realizados apenas uma vez durante a semana, no sábado pela manhã, posterior a aula de música dos participantes. Em alguns momentos notamos que as crianças chegavam exaustas, porém, procuramos realizar tudo de forma clara, utilizando uma linguagem de fácil acesso para que assim houvesse uma maior participação e compreensão do nosso público alvo.

Foi observado a participação ativa de algumas mães durante esse processo, as próprias acompanhavam seus filhos durante os encontros, em alguns momentos interagiam conosco e dificilmente os menores faltavam às atividades. Porém, também existiam aquelas crianças que frequentavam o clube sem a presença de um adulto ou responsável, o que nos chamou atenção, porque, ao questionarmos, os menores relatavam que seus pais estavam trabalhando, realizando os afazeres domésticos ou naquele dia não poderia levar eles na associação devido suas ocupações.

No terceiro encontro, foi levada a proposta da criação de fantoches, uma forma encontrada pelo grupo de estudantes de psicologia, no intuito de fazer com que houvesse uma maior interação e participação dos indivíduos, fazendo

com que eles se expressassem mais e desenvolvessem suas próprias opiniões e habilidades a respeito dos temas abordados, uma proposta lúdico-participativa.

O lúdico exerce uma função de não apenas brincar, como também denunciar uma situação vivenciada e educar. Através das brincadeiras, foi possível discutir questões que se tornaram mais fáceis de serem compreendidas através do divertimento. A educação precisa ter caráter inovador, buscando trabalhar as potencialidades e os conhecimentos que o indivíduo apresenta para que ele se torne um sujeito ativo no ambiente em que se encontra. “Dai, a necessidade que se impõe de superar a situação opressora. Isto implica no reconhecimento crítico, na “razão” desta situação, para que, através de uma ação transformadora que incida sobre ela se instaure uma outra, que possibilite aquela busca do ser mais.” (FREIRE, 2017, p. 18).

A pedagogia do oprimido criada por Paulo Freire surge com o intuito de “libertar” este homem até então sem consciência crítica do local onde ele está inserido, fazendo com que o mesmo se transforme diante do meio, desenvolvendo a observação, como também, reavivando e aprofundando seus conhecimentos, por esse motivo, entende-se que a libertação é um parto, por permitir que o indivíduo “nasça” novamente e se desenvolva, levando em consideração que esse processo de tomada de consciência não é uma tarefa fácil. Conforme Freire (2017, p. 19) “A libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela, superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos.”

Através das interações lúdicas do brincar gera-se educação para as crianças. Além disso, elas podem aprender favorecendo assim a comunicação através de objetos, sendo um processo de aprendizagem para uma construção de reflexão e criatividade; além de desenvolver autonomia. O brincar é algo natural desenvolvido pela criança tendo uma contribuição positiva não sendo apenas diversão, mas agregando conhecimento através da educação adquirida, desenvolvendo assim, a socialização, e as potencialidades. Ao brincar, a criança desenvolve sua independência para escolher com quem brincar e qual o papel que vai assumir na brincadeira, sendo o lúdico uma construção importante no desenvolvimento do próprio mundo, tendo evolução aos pensamentos com colaboração social integrando na sociedade. (TEIXEIRA; VOLPINI, 2014).

Porém, no brincar, deve-se levar em conta vários aspectos, como onde a criança está inserida, suas crenças, seus princípios, sua cultura e toda veracidade que influencia no ato da forma de determinado indivíduo. A realidade social,

objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são produtores desta realidade e se está na “invasão da práxis”, se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens. (FREIRE, 2017, p. 20).

Por muitas vezes, as crianças apresentam algumas dificuldades escolares com rendimentos baixos esperados para sua idade, assim, a brincadeira exerce contribuindo como uma ferramenta bastante utilizada nesse processo, obtendo benefícios no desenvolvimento da criança, no intuito de desenvolver o físico e o motor por meio de jogos, sendo também, aspectos sociais com brincadeiras de jogos em grupos, cognitivo com brincadeiras de raciocínio, portanto ao descobrir onde se encontra o déficit nas crianças podem ser melhor preparadas para outros tipos de aprendizagem e apresentar um melhor desenvolvimento. (CORDAZZO; VIEIRA, 2007).

Diante do exposto, foram encontrados resultados satisfatórios constatando que houve maior interação e participação ativamente quando eram colocados desenhos ilustrativos e atividades lúdicas. Nesse sentido, foi pensado em produzir fantoches com os membros, através dos quais foram exploradas a criatividade e a imaginação de cada criança, obtendo-se, desse modo, um resultado satisfatório para a equipe, haja vista que foi possível compreender a singularidade e subjetividade de cada participante.

Em nossa avaliação, de modo geral, analisamos as intervenções de forma positiva e proveitosa, levando em consideração que trouxe benefícios para o público-alvo, fazendo com que ele comporte-se de forma crítica diante dos acontecimentos vivenciados. Após o término de cada encontro, era solicitado que cada membro se pronunciasse um pouco, até com poucas palavras, avaliando como havia sido o momento conosco e o sentido daquela vivência para eles, obtendo-se, assim, ao final de cada encontro, um feedback de cada pessoa. Dessa forma, traziam o que tinha sido bom, o que poderia melhorar, o que queriam novamente, o que queriam de novidade e o com o que mais se identificaram durante nossas intervenções. Consequentemente, foi solicitado que cada integrante ficasse com seu fantoche, obtendo a responsabilidade de cuidar e levá-lo a todos os encontros.

Foi observado que houve uma ressignificação diante das práticas interventivas, os participantes passaram a se questionar mais diante dos fatos que ocorriam em sua volta. Por fim, vale salientar que, no último encontro, vivenciamos o fato de uma das crianças pronunciar um palavrão durante as dinâmicas e a colega ao lado lembrar que já havíamos discutido que não

devemos pronunciar palavras em certas ocasiões e devemos, acima de tudo, respeitar as pessoas que estão ao nosso redor.

Conclusão

Diante do exposto, concluímos que as crianças compreenderam de forma positiva as indagações e questionamentos que as intervenções se propunham a apresentar, de modo que os indivíduos pudessem se desenvolver e crescer no ambiente como também em outras ocasiões que fazem parte do seu cotidiano, visto que, durante os encontros no (COPMB) Clube dos Oficiais da Polícia Militar e Bombeiros, eram discutidas questões sociais que norteiam o seu cotidiano na comunidade.

As atividades alcançaram um caráter positivo, contribuindo tanto para o público- alvo como também para os estudantes de psicologia que mediarão as intervenções adquirindo experiências em atividades envolvendo grupos, compreendendo o contexto social onde as pessoas estão inseridas, suas reais necessidades, como o sujeito se vê naquele ambiente e como o mesmo pode ser influenciado por parte de determinadas equipes.

Portanto, durante as intervenções, as crianças se mostraram bastante receptivas e participativas, estabelecendo um vínculo com a equipe e contribuindo de forma ativa nos encontros, possibilitando a execução das demais atividades nesse processo. As pessoas da comunidade, conscientizadas, estiveram envolvidas com a tarefa de trazer algo positivo ao seus filhos, além disso, nosso sentimento, ao realizar as práticas ora descritas, foi de satisfação ao contribuir com conhecimento para melhorar a condição de vulnerabilidade na qual as crianças vivem.

Sobretudo, essa pequena parcela não exime o contexto difícil no qual eles estão inseridos. No geral, a educação foi trabalhada no sentido lúdico com a possibilidade de transformar uma nova história de vida, pois entende-se que o contexto exerce influência sobre suas condições futuras, assim a exclusão social verificada no Bairro do Mutirão pode trazer uma ótica de uma vida sem perspectiva e desregrada e, por isso, o esforço realizado no COPMB para que isto não se concretize sendo o nosso papel o da reflexão sobre a realidade sem eximir a responsabilidade dessas crianças nesse processo.

A ligação que existe entre a teoria e nossa prática diz respeito ao fato da educação popular ser uma metodologia que possui um caráter baseado no diálogo, de forma que as pessoas possam participar ativamente dos

questionamentos. É uma educação inovadora, constituída de acordo com os conhecimentos que o sujeito adquire e gerando possibilidades para que ele possa se desenvolver no meio social, mostrando estratégias e possibilitando discussões para os problemas que são identificados no grupo, lutando para um mundo mais igualitário e mais justo, através de movimentos sociais.

A psicologia social comunitária possibilita, assim, a criação de projetos dentro da comunidade, criando estratégias para a diminuição da vulnerabilidade social vivenciada por muitos, com o intuito de promover uma vida mais digna para a população, prevenindo e promovendo educação através de suas propostas e programas de intervenções na sociedade.

REFERÊNCIAS

- CORDAZZO, S. T. D.; VIEIRA, M. L. (2007). A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. **Estudos e pesquisas em psicologia**, 7(1), 92-104.
- FREITAS Q. D. M. (1998). Inserção na comunidade e análise de necessidades: reflexões sobre a prática do psicólogo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 11 (1), 0.
- FREIRE, P. F934p. *Pedagogia do oprimido*, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2017.
- GONÇALVES, M. A.; PORTUGAL, F. Análise histórica da psicologia social comunitária no Brasil. **Psicologia e Sociedade**, v. 28, n. 3, 2016.
- MACIEL, T. M.D. F. B.; ALVES, M. B. A importância da psicologia social comunitária para o desenvolvimento sustentável. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 10, n. 2, p. 272-282, 2015.
- PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.
- SILVEIRA, S. M.; NARDI, H. C. Formação em psicologia e vulnerabilidade social: um estudo das expectativas de inserção profissional de formandos. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 28, n. 2, p. 228-243, 2008.
- TEIXEIRA, H. C.; VOLPINI, M. N. (2014). A importância do brincar no contexto da educação infantil: creche e pré-escola.